

A questão agrária na Europa Oriental na obra de Karl Marx

Odair Michelli Junior

Rua Aristides Lobo, 321, apto 22, Zona 7, 87030-240, Maringá, Paraná, Brasil.

RESUMO. O presente artigo consiste numa análise do tema da questão agrária na Europa Oriental (sobretudo da situação do campesinato russo) na obra de Karl Marx, enfocando a diferença da análise feita para essa região, que reconhece a possibilidade de uma revolução camponesa, daquela feita para a Europa Ocidental, onde Marx não mais vislumbra a possibilidade do campesinato vir a organizar-se como uma classe realmente autônoma. Além de apontar essa diferença, procuramos discutir neste trabalho que rumos tomaria, segundo Marx, o movimento revolucionário iniciado pelos camponeses e se seria possível a construção do socialismo na Rússia sem a “etapa intermediária” do capitalismo e apoiando-se nas bases fornecidas pela antiga comunidade camponesa russa - o *mir*.

Palavras-chave: revolução, camponês, marxismo, socialismo e *mir*.

ABSTRACT. Eastern Europe agrarian question in Karl Marx's work. This article consists of an agrarian question analysis in Eastern Europe (mainly of Russian peasants' situation) in Karl Marx's work. It focuses the difference analysis between Western and Eastern Europes. Marx pointed out the revolutionary possibility to Eastern peasants but not to Western ones because he did not glimpse, anymore, the idea that Western peasants could be able to organize themselves as a really independent class. Besides that, this study tries to discuss which direction the peasants' revolutionary movement would take, according to Marx, and whether the socialism construction in Russia would be possible without the 'intermediate stage' of capitalism, based in the ancient Russian agrarian community - the *mir*.

Key words: revolution, peasant, marxism, socialism, *mir*.

Introdução

Este artigo é baseado em uma pesquisa desenvolvida no período de 30 de abril de 2000 a 30 de abril de 2001, cujos resultados se encontram apresentados no relatório final do Projeto de Iniciação Científica (PIC), intitulado *A questão agrária e as metamorfoses do marxismo*, e consiste, nos seus pontos fundamentais, num estudo da abordagem da questão agrária por Karl Marx, no qual procuramos enfocar, basicamente, as diferenças entre a análise do campesinato da Europa Ocidental, sobretudo do campesinato francês e alemão, e a análise do campesinato da Europa Oriental, onde tem papel fundamental o estudo do campesinato russo.

Neste trabalho, apresentamos um estudo das conclusões a que chegou Karl Marx sobre o futuro do campesinato na sociedade capitalista, futuro que não é único para toda a Europa. No Ocidente, Marx não vislumbra mais nenhuma possibilidade dos camponeses provocarem, por si mesmos, uma grande transformação social, embora, por

constituírem a maior parte da população, ainda vinculem o sucesso de qualquer projeto de transformação social à conquista do seu apoio. No Oriente, a situação é bem diversa, pois o capitalismo ameaça a propriedade comunal dos camponeses e estes, certamente, levantam-se contra o processo de desagregação de suas comunas rurais. Na Rússia, Marx parece inclinado a apostar na possibilidade de se evitar a “fase capitalista”, valendo-se da estrutura da comuna rural, então existente, para a passagem para a sociedade comunista, desde que condições especiais o permitam.

A análise deste artigo tem por base a leitura da obra de Marx que aponta a concepção marxiana do progresso histórico como um processo de emancipação do homem em relação à natureza e uma conseqüente individualização gradual do mesmo, processo que conduzirá à era do livre desenvolvimento de todo os homens: a era do comunismo. A história de modo algum é unilinear e contínua, estando sujeita a regressões e apresentando características particulares de acordo com a sociedade humana estudada e não etapas gerais e

fixas para todos os povos, já que o progresso é o conteúdo da história na sua forma mais geral e, dessa forma, nem toda a história é progresso. Assim, não devemos estranhar que Marx aponte um caminho diferente para a Europa Oriental, especialmente para a Rússia, pois nem todos os povos precisam, necessariamente, passar pelo “estágio capitalista” para chegar ao comunismo.

Material e métodos

O presente estudo apresenta, basicamente, um caráter teórico-reflexivo que consiste na análise de diversas obras de Karl Marx sobre o problema camponês na Europa. Assim, nesse trabalho, tratamos da abordagem dada por Marx à problemática envolvendo a comunidade rural russa - *mir* ou *obščina* - e a possibilidade de uma revolução na Rússia, que levasse à construção do socialismo sem o prévio desenvolvimento do capitalismo. Aqui também apresentamos alguns textos de Engels (ver Engels, 1981 e 2001) e alguns comentários de Eric Hobsbawm (1980), David B. Riazanov (1980) e Boris Nikolaievsk (ver Marx, 1991) sobre esse tema. Para a elaboração do texto desse artigo, utilizamos: a famosa *Carta de Marx a Vera Zassulitch*, de 8 de março de 1881 (ver *El porvenir de la cumuna rural russa*, 1980); uma *Carta de Marx a Kugelman*, de 12 de outubro de 1868 (ver Marx, 1997); uma *Carta de Marx a Sorge*, de 27 de setembro de 1877 (ver *El porvenir de la cumuna russa*, 1980); a *Carta de Vera Zassulitch a Karl Marx*, de 16 de fevereiro de 1881 (ver *El porvenir de la cumuna russa*, 1980); a *Introdução de Eric Hobsbawm às Formações econômicas pré-capitalistas* (ver Marx, 1991); o texto *Marx y el problema ruso*, de Boris Nikolaievsk (1980); o texto *Vera Zasulich y Karl Marx*, de David B. Riazanov (1980); o *Prefácio à edição russa do Manifesto comunista*, de 1882, de Karl Marx e Friedrich Engels (s/d); o artigo *Acerca de la cuestión social en Rusia*, de Friedrich Engels (ver *El porvenir de la cumuna russa*, 1980); duas cartas de Engels a Danielson, de 24 de fevereiro de 1893 e de 17 de outubro de 1893 (ver *El porvenir de la cumuna rural russa*, 1980; Engels, 2001) do *Prefácio de Vera Zassulitch à tradução russa do livro de Engels* (ver *El porvenir de la cumuna russa*, 1980) *Do socialismo utópico ao socialismo científico*, e a carta de Karl Marx à redação do *Otchestviennie Zapiski* (*Anais da Pátria*) (ver *El porvenir de la cumuna rural russa*, 1980). Também fizemos uma breve referência a dois textos de Marx sobre a Índia: *O domínio britânico na Índia* e *Futuros resultados do domínio britânico na Índia* (Marx e Engels, s/d).

Resultados e discussão

Se Marx e Engels se mostraram descrentes com relação a qualquer possibilidade de surgimento de um movimento revolucionário oriundo do campesinato ocidental (cf. *O 18 brumário de Luís Bonaparte*: 127-132 e *O problema camponês na França e na Alemanha*: 59-63), bem diversa foi a sua opinião sobre o campesinato da Europa Oriental, sobretudo do campesinato russo, que constituiu o principal objeto dos estudos dos dois pensadores sobre essa região. As diferenças entre Oriente e Ocidente de modo algum passaram despercebidas por Marx e Engels, que chegaram a reconhecer a possibilidade de uma revolução camponesa na Europa Oriental, sobretudo na Rússia.

Se Marx e Engels, na questão agrária da Europa Ocidental, demonstraram-se irremovíveis com relação à perspectiva de fundo, diante do mir se encontraram por algum tempo propensos a reconhecer a possibilidade de uma via de desenvolvimento diferente da ocidental, cuja essência consistia em evitar a fase capitalista. (Hegedüs, 1984: 167).

Neste artigo, analisaremos os estudos de Marx sobre a comuna rural russa - o *mir* ou *obščina* - baseando-nos, sobretudo, nos rascunhos da carta de Karl Marx a Vera Zassulitch, de 8 de março de 1881.

As contradições sociais na Rússia fazem com que, pouco a pouco, vá tomando corpo um movimento revolucionário russo, que desperta um crescente interesse em Marx. No princípio, ele não acreditava na seriedade desse movimento revolucionário, conforme demonstra em uma carta a Kugelman, de 12 de outubro de 1868, na qual comenta que:

poucos dias atrás, um editor de Petersburgo surpreendeu-me com a notícia de que está sendo impressa agora uma tradução russa do Das Kapital. Pedi-me uma fotografia para a capa e não posso negar essa ninharia a meus bons amigos, os russos. É uma ironia do destino que os russos, a quem combati durante 25 anos, e não apenas na Alemanha, mas na França e na Inglaterra, tenham sempre sido meus patrões. Em Paris, em 1843 e 1844, os aristocratas russos de lá trataram-me de modo muito gentil. Meu livro contra Proudhon (1847) e o que foi publicado por Duncker (1859) tiveram vendagem maior do que em qualquer outro lugar. E a primeira nação estrangeira a traduzir o Kapital é a russa. Mas não se tira muita coisa disso. A aristocracia russa, em sua juventude, é educada nas universidades alemãs e em Paris. Eles sempre correm atrás do que de mais extremado o Ocidente pode oferecer. Trata-se de pura gourmandise, semelhante à praticada por uma parte da aristocracia francesa durante o século XVIII. Ce n'est pas pour les tailleurs et les bottiers (Isto não é para alfaiates e sapateiros),

disse Voltaire sobre sua própria ilustração. Isto não impede que os mesmos russos, quando entram para o serviço do Estado, se transformem em velhacos. (Marx, 1997: 248).

Marx julgava esse movimento russo como um passatempo dos jovens da aristocracia russa, que buscavam erudição e refinamento intelectual através da leitura das obras dos autores ocidentais. Procurava esquivar-se ao máximo dos russos, até mesmo quando eles compravam avidamente seus livros.

O contato com Lavrov, Lopatin e outros revolucionários russos, contudo, vai mudando, gradualmente, a sua posição, de modo que, em uma carta a Friedrich Adolph Sorge, de 27 de setembro de 1877, Marx já crê na possibilidade de uma revolução social na Rússia, mas ainda encontramos vestígios de sua antiga atitude crítica com relação ao movimento revolucionário russo, ao classificar de “estupidez” a famosa manifestação estudantil diante da Catedral de Kazan, em São Petersburgo.

*Rusia ha estado durante mucho tiempo en el umbral de un levantamiento, todos sus elementos están preparados; ... El levantamiento empezará secundum artem con algún juego al constitucionalismo, y entonces habrá un lindo alboroto. Si la madre naturaleza no es particularmente ingrata con nosotros viviremos para ver el acontecimiento. Las **estupidices** [grifo nosso] que están haciendo los estudiantes rusos son sólo un síntoma, en sí inútil, pero un síntoma. Todos los sectores de la sociedad rusa están en completa desintegración económica, moral e intelectual. Esta vez la revolución empezará en Oriente, que ha sido hasta ahora fortaleza inexpugnable y ejército de reserva de la contrarrevolución. (El porvenir..., 1980:13-14).*

Por volta de 1879, Marx passa a interessar-se cada vez mais pelo movimento revolucionário russo, especialmente quando este parte para a luta política direta – fato que vai modificar decisivamente a sua opinião sobre esse movimento. Marx, nessa época, estreita relações com o partido *Narodnaia Volia* (A Vontade do Povo), composto pelos revolucionários *narodniks*, que defendiam a luta política direta contra a aristocracia russa e vislumbravam no *mir* o ponto de apoio para a regeneração econômico-social de toda a Rússia. Outro fato que mostra o grande interesse de Marx por esse movimento é a correspondência mantida com o **Comitê Executivo dos Terroristas Russos** e com os membros desse comitê que operavam no estrangeiro. Um exemplar do programa dos membros proletários do *Narodnaia Volia*, contendo muitas notas e passagens grifadas, também demonstra o grande interesse do pensador pelo movimento revolucionário russo.

Do crescente interesse de Marx pelo movimento social na Rússia, vem acompanhado, como não poderia deixar de ser, o seu igualmente profundo interesse sobre o desenvolvimento econômico da Rússia, especialmente no que toca à sobrevivência da comunidade camponesa – o *mir*.

Sabida es la importancia que atribuía Marx al examen de la cuestión referida al desarrollo económico de Rusia, con que celo analizaba las estadísticas rusas, retrasando una y otra vez la redacción de los tomos segundo y tercero de El capital. Los amigos de Marx estaban bastante descontentos por esta circunstancia. Según informa Lafargue, Engels observó una vez – aparentemente en forma irónica pero en el fondo seriamente preocupado – que a diferencia de Marx, él con gusto hubiera quemado todas las obras de estadísticas rusas que le impedían a aquél terminar la suya.

Se comprende este interés de Marx por Rusia si se toma en cuenta el papel que atribuía al estudio del desarrollo económico ruso en la elaboración definitiva de los últimos tomos de El capital. Los datos y ejemplos rusos debían ser utilizados como ilustración del desarrollo de los países agrarios del mismo modo que los datos ingleses lo fueron en el tomo primero de El capital para los países de capitalismo industrial. (Nicolaievski, 1980: 9).

Infelizmente, a ampliação do campo da investigação impediu Marx de terminar sua obra máxima e, nos Livros II e III de *O capital*, reelaborados por Engels após a sua morte, os dados sobre a Rússia e as conclusões de Marx a respeito do desenvolvimento econômico russo não encontraram lugar. As opiniões de Marx sobre o futuro econômico-social da Rússia só podem ser estudadas em textos fragmentários e diversas cartas, dentre as quais destaca-se a famosa carta de Marx a Vera Zassulitch, na qual procura responder à carta de 16 de fevereiro de 1881, que lança a seguinte pergunta, formulada pela mesma Vera Zassulitch, sobre a sobrevivência da comuna rural russa:

Una de dos: o bien esta comuna rural, libre de las exigencias desmesuradas del fisco, de los pagos a los señores de la administración arbitraria, es capaz de desarrollarse en la vía socialista, o sea de organizar poco a poco su producción y su distribución de los productos sobre las bases colectivistas, en cuyo caso el socialismo revolucionario debe sacrificar todas sus fuerzas a la manumisión de la comuna y a su desarrollo.

O si, por el contrario, la comuna está destinada a perecer no queda al socialista, como tal, sino a ponerse a hacer cálculos, más o menos mal fundados, para averiguar dentro de cuántos decenios pasará la tierra de los campesinos rusos de las manos de éste a las de la burguesía y dentro de cuántos siglos, quizá, tendrá el

capitalismo en Rusia un desarrollo semejante al de Europa occidental. (Riazanov, 1980: 29).

A resposta chega em março de 1881 e, ao que parece, reflete um certo embaraço de Marx, visto que ele elabora quatro rascunhos para a carta definitiva e, na redação final, que constitui uma surpresa para muitos, parece compartilhar do ponto de vista dos *narodniks*, apontando para a diferença do processo histórico da Europa Ocidental e da Europa Oriental.

Analizando la génesis de la producción capitalista digo:

En el fondo del sistema capitalista está, pues, la separación radical entre productor e medios de producción ... la base de toda esta evolución es la expropiación de los campesinos. Todavía, no se ha realizado de una manera radical más que en Inglaterra ... Pero todos los demás países de Europa occidental van por el mismo camino. (El capital, edición francesa: 316)

La 'fatalidad histórica' de este movimiento está, pues, expresamente restringida a los países de Europa occidental. El porqué de esta restricción está indicado en este pasaje del capítulo XXXII:

La propiedad privada, fundada en el trabajo personal ... va a ser suplantada por la propiedad privada capitalista, fundada en la exploración del trabajo de otros, en el sistema asalariado (Op. cit. 340).

En este movimiento occidental se trata, pues, de la transformación de una forma de propiedad privada en otra forma de propiedad privada. Entre los campesinos rusos, por el contrario, hebrá que transformar su propiedad común en propiedad privada.

El análisis presentado en El capital no da, pues, razones, en pro ni en contra de la vitalidad de la comuna rural. (Carta de Marx a Vera Zassulitch, de 8 de março de 1881, in El porvenir..., 1980: 60-61).

E, mais adiante, aponta para a vitalidade da comuna rural russa desde que sejam eliminadas as influências deletérias que pesam sobre ela.

El análisis presentado en El capital no da, pues, razones, en pro ni en contra de la vitalidad de la comuna rural, pero el estudio especial que de ella he hecho, y cuyos materiales he buscado en las fuentes originales, me ha convencido de que esta comuna es el punto de apoyo de la regeneración social en Rusia, mas para que pueda funcionar como tal será preciso eliminar primeramente las influencias deletéreas que la acosan por todas partes y a continuación asegurarle las condiciones normales para un desarrollo espontáneo. (El porvenir..., 1980: 61).

Eric Hobsbawm, ao comentar o crescente interesse de Marx pelo comunismo primitivo, observa que:

além da orientação agrária de seu trabalho no CAPITAL III, duas razões podem ser sugeridas para explicar essa sua concentração de interesse. Primeiro, o desenvolvimento de um movimento revolucionário russo levou, crescentemente, Marx e Engels a depositar na Rússia suas esperanças relativas a uma revolução européia. (Nenhum erro de interpretação de Marx é mais grotesco do que o que sugere possibilidades de revolução, exclusivamente, nos países industrializados avançados do Ocidente). Desde que a situação da comunidade aldeã era assunto de fundamental desacordo teórico entre os revolucionários russos, que consultaram Marx sobre o ponto, era natural que ele investigasse o tema mais profundamente.

É interessante constatar que - de certo modo até inesperadamente - seus pontos de vista se inclinassem no sentido dos Narodniks, que sustentavam que a comunidade aldeã russa poderia fornecer a base da transição para o socialismo sem prévia desagregação através do desenvolvimento capitalista. Esta opinião não flui da orientação natural do pensamento histórico anterior de Marx, e não foi aceita pelos marxistas russos (que se enfileiravam entre os opositores dos Narodniks, neste ponto) ou pelos marxistas posteriores; de qualquer forma revelou-se infundada. Talvez a dificuldade de Marx para esboçar uma justificativa teórica disto reflita uma certa sensação de embaraço. Faz contraste gritante com o retorno de Engels, lúcido e brilhante, à principal tradição marxista - e ao apoio aos marxistas russos - quando da discussão do mesmo tema, alguns anos mais tarde. De qualquer modo, poderá conduzir-nos à segunda razão da crescente preocupação de Marx com o comunismo primitivo: seu progressivo ódio e desprezo da sociedade capitalista. ... Parecia provável que Marx, que anteriormente saudara o impacto do capitalismo ocidental como uma força desumana mas historicamente progressista sobre as estagnadas economias pré-capitalistas, fosse ficando cada vez mais impressionado com sua desumanidade. (Marx, 1991: 49-50).

Certamente a desolação de Marx, com o capitalismo ocidental, o levou a dedicar maior atenção aos valores sociais positivos da comunidade primitiva e a sua resistência à desintegração histórica. Mas, em que medida essa comunidade poderia evoluir para uma formação econômico-social superior, sem prévia destruição, constitui ponto polêmico dentro do marxismo e certamente não é explicado por essa mesma desolação de Marx (nem pensamos que isso é afirmado por Eric Hobsbawm). A estranheza do ponto de vista de Marx, inclinado a concordar com os *narodniks* deve-se a sérias dúvidas sobre a possibilidade da forma econômica asiática,

ou sua variante eslava (denominada, na carta a Vera Zassulitch, de “tipo arcaico”, que parece englobar o comunismo primitivo e o modo de produção asiático, agora considerado como pertencente à pré-história da “civilização”), que constitui a mais primitiva forma de distanciamento do homem da sua situação natural originária de animal gregário, de animal de rebanho, de poder, por si mesma, passar para o estágio comunista, estágio do livre desenvolvimento de todos os indivíduos, sem um anterior estágio de individualização do homem e de emancipação do mesmo frente à natureza, representado pela sociedade capitalista. Se essa passagem não é, *a priori*, impossível, pois o progresso histórico marxiano não obriga todos os povos do mundo a passar pelos mesmos estágios evolutivos, deverá ocorrer sob circunstâncias muito especiais, as quais Marx faz uma referência genérica na carta a Vera Zassulitch, quando afirma que a comuna rural só servirá de apoio para a regeneração social da Rússia se forem eliminadas as influências deletérias que pesam sobre ela e se lhe forem oferecidas condições para um desenvolvimento normal e espontâneo. Mas como realizar essas pré-condições? Isso Marx não responde na referida carta e o porquê dessa omissão é motivo de discussão entre os estudiosos do marxismo.

Boris Nikolaievsk afirma que:

no sólo estimaba Marx en mucho a los revolucionarios rusos sino que sabía también que en Rusia se concedía gran importancia a sus manifestaciones. En estas circunstancias tenía que ser particularmente cuidadoso al tratar de cuestiones en que sus ideas se apartaban de las de los revolucionarios rusos. No cabe ninguna duda de que en el estudio de la forma que daría a la carta de Vera Zasúlich influyó mucho el escribirla en un momento en que la lucha terrorista en Rusia alcanzaba su punto culminante y los ojos de todo el mundo estaban fijos en el movimiento revolucionario ruso. También Eduard Bernstein en sus recuerdos señala que en sus últimas conversaciones con Engels había sacado la impresión de que tanto éste como Marx, por ‘respecto a la ideología de la revolución rusa’, disimulaban de momento su escepticismo acerca de las posibilidades de evolución socialista de las comunidades campesinas rusas. La misma impresión producen varias observaciones de Engels en su advertencia final a Soziales aus Russland. Pero había también otra circunstancia que hacía a Marx ser especialmente cauto en su respuesta a Vera Zasúlich. En aquel tiempo se manifestaba ya una escisión en el movimiento revolucionario ruso. El paso a la lucha política directa había conducido a separaciones del partido Narodnaia Volia. Los enemigos de la lucha política, que se basaban en el bakuninismo, fundaron con el nombre de Cherny Perediel [Reparto Negro] un partido opuesto ao

Naródnaia Volia. En el cumbre de este partido estaba, con Axelrod y Plejánov, Vera Zasúlich, la que se había dirigido por carta a Marx. Éste también se apegaba al principio de que ‘los enemigos de nuestros amigos son nuestros enemigos’. Y la circunstancia de que estos enemigos del Narodnaia Volia concedieran en su órgano un espacio a los artículos de Johann Most, que en aquel tiempo empezaba su campaña contra la socialdemocracia y ponía por los suelos todo el movimiento obrero alemán, de ninguna manera reforzaba los sentimientos amistosos de Marx por Vera Zasúlich y sus afines. Dado su punto de vista de entonces, Marx tenía razón: no sabía ni podía saber que aquellos a que él consideraba contrarios estaban entonces evolucionando rápidamente del bakuninismo al marxismo (Plejánov señaló después que ya en el verano de 1880 era ‘medio socialdemócrata’) y que precisamente aquel pequeño grupo de los opuestos del Narodnaia Volia estaba llamado a levantar en los años siguientes la bandera del socialismo occidental europeo en Rusia. Por otra parte, Marx tampoco podía saber que en las filas del Narodnaia Volia estaba creciendo la corriente antimarxista (Naródnaia Volia nunca fue marxista, pero los ataques contra el marxismo en sus órganos sólo empezaron a aparecer en 1881), que en estas filas aumentaba el entusiasmo por las doctrinas de Eugen Dühring y que su representante en el extranjero, Hartmann, con el que Marx y Engels poco antes se trataban de tú, a sus espaldas tenía tratos con Johann Most en torno de la publicación de sus artículos en el órgano Narodnaia Volia.

Todas estas circunstancias determinan la actitud de Marx en su carta a Vera Zasúlich. No podía dejar sin respuesta a Vera, que había atraído hacia sí la atención del mundo entero con su atentado contra el general Trepov, capitán de la guardia urbana de San Petersburgo. Pero le contestó con suma reserva, lacónica y cautelosamente; al parecer temía dar argumentos a aquellos que consideraba sus contrarios, contra las personas que entonces eran sus íntimos.” (Nikolaievsk, 1980: 14-16).

Da argumentação acima, pode-se deduzir que a resposta de Marx a Vera Zassulitch foi uma resposta evasiva, que não iria acrescentar nada de novo ao grupo de Vera, não daria argumentos aos supostos “opositores dos amigos de Marx”, e nem a deixaria sem resposta, o que não poderia ocorrer dado ao destaque mundial que a figura de Vera ganhara com o atentado terrorista ao capitão da guarda de São Petersburgo. Nicolaievsk também afirma que Marx não acreditava numa possível evolução socialista das comunas rurais russas, apenas dissimulando seu ponto de vista com a afirmação genérica de que isso seria possível com a supressão das circunstâncias nefastas que oprimem a comuna rural e a garantia de condições que possibilitassem seu desenvolvimento espontâneo. Isso se deve ao fato de Marx não querer

desapontar os revolucionários russos, que acreditavam nessa possibilidade, e por vislumbrar a possibilidade de que uma eminente revolução social na Rússia poderia dar a partida para a revolução proletária no Ocidente, conforme mostram, segundo Nicolaievsk, não só a carta a Vera Zassulitch, mas também o *Prefácio à edição russa do manifesto do partido comunista*, de 1882, nesta passagem:

Cabe, pois, a pergunta: poderia a comuna rural russa - forma por certo já muito desnaturada da primitiva propriedade comum da terra - passar diretamente à forma superior da propriedade coletiva, à forma comunista, ou, pelo contrário, deverá primeiramente passar pelo mesmo processo de dissolução que constitui o desenvolvimento histórico do Ocidente?

A única resposta que hoje se pode dar a esta pergunta é a seguinte: se a revolução russa dá o sinal para uma revolução proletária no Ocidente, de modo que ambas se completem, a atual propriedade comum da terra na Rússia poderá servir de ponto de partida para uma evolução comunista.” (Marx e Engels, Obras Escolhidas, 16).

David Borisovich Riazanov discorda da opinião de Boris Nicolaievsk, atribuindo o caráter sucinto da resposta de Marx na carta a Vera Zassulitch a uma enfermidade nervosa que acometia esse último e reduzia sua capacidade de trabalho, afirmando que o fato de Vera Zassulitch pertencer ao *Cherny Perediel* não influenciou a forma da resposta dada por Marx à pergunta que lhe fora formulada.

La carta de Zasúlich que publicamos infra ha de haber causado profunda impresión en Marx. Se caracteriza por una profunda ingenuidad y sinceridad tan directas y tan falta de recursos teóricos, plantea toda la cuestión de las comunidades campesinas sobre una base ético-social, muestra en cada línea las preocupaciones que causaba a la autora y a sus camaradas - porque sin duda su contenido era conocido de Plejánov y Deutsch - la cuestión del destino de las comunidades campesinas, que Marx se apresuró a darle respuesta.

Como se deja ver en los borradores que publicamos, tuvo el propósito de responder ampliamente. La opinión de Nikolaievski de que su descontento con el grupo del Reparto negro [Cherny Perediel] le había hecho abstenerse de una respuesta pública y extensa, es, pues, manifestamente errónea. Su toma de posición respecto de los partidarios de Reparto negro tampoco hubiera influido en Marx aunque hubiera sabido que Zasúlich pertenecía a ese partido. Ni L. Hartmann ni N. Morosov, que informaron a Marx acerca de la escisión en Tierra y libertad, podían comunicar nada desfavorable acerca de Vera Zasúlich. Por eso me atengo a la suposición, que ya manifesté en las conferencias sobre Marx y Engels, de que solo su capacidad de trabajo, que se iba reduciendo, como pude observarse en los borradores, le impidió contestar

tan ampliamente como había pensado al principio. También pudo haberlo retenido alguna consideración, que menciona en la carta, y que era ciertamente su promesa al Comité ejecutivo de la Voluntad del pueblo. Lo que menos resulta ser la presente carta es una evasiva o capitulación ante los partidarios del Reparto negro, especialmente en aquel tiempo en que se ubica la carta de Zasúlich, o sea en el periodo comprendido entre la aparición del primero y del segundo números de la revista Cherny Perediel. Marx declara categóricamente que la ‘comunidad campesina es la base del renacimiento social de Rusia’, pero que ‘ante todo es necesario hacer a un lado las nefastas influencias que la oprimen por doquier, para asegurar así las condiciones de su desarrollo natural’, es decir, acabar ante todo con el despotismo. En todo caso la respuesta era más decidida que la dada en el prefacio a la edición rusa del Manifiesto comunista, donde sólo se consideraba condición necesaria para transformar la comunidad campesina en punto de partida del desarrollo comunista la simultaneidad de la revolución rusa con la revolución de los trabajadores en Occidente. (Riazanov, 1980: 23-24).

Se observarmos os quatro rascunhos elaborados por Marx, antes de responder à carta, veremos que o primeiro é o mais extenso, parecendo esboçar uma tentativa de análise mais ampla da questão suscitada por Zassulitch. Os outros rascunhos vão diminuindo de tamanho e restringindo o campo da análise de Marx, o que, se estiver certo Riazanov, deve-se a uma enfermidade nervosa que lhe acometia e o impedia de realizar um estudo mais amplo, conforme tinha já esboçado no primeiro rascunho da carta a Zassulitch.

No seu artigo *Soziales aus Russland (Acerca da questão social na Rússia)*, publicado em 1875, no periódico socialista alemão *Volksstaat*, Engels vincula a possibilidade do *mir* servir como ponto de apoio para a constituição de uma sociedade comunista na Rússia a uma revolução proletária na Europa Ocidental, que forneceria os meios necessários para o desenvolvimento da propriedade comunal russa em uma “forma social superior”. Nesse artigo, Engels observa que a revolução socialista precisa da burguesia, como fator que propicie um desenvolvimento das forças produtivas, de modo a garantir a base material sobre a qual se instalará a nova sociedade, e do proletariado, como elemento revolucionário que abolirá para sempre as diferenças de classe. Sob esse ponto de vista, fica difícil pensar na hipótese de uma passagem espontânea do *mir* para o comunismo movida por fatores internos dessa mesma comunidade. Possível seria essa passagem se influenciada pelo socialismo já instaurado na Europa Ocidental, que penetraria mais facilmente na Rússia se uma revolução abolisse o despotismo czarista, de

forma que essa revolução russa e a revolução proletária no Ocidente “se completassem”.

La revolución a que aspira el socialismo moderno consiste, brevemente hablando, en la victoria del proletariado sobre la burguesía y en una nueva organización de la sociedad mediante la liquidación de las diferencias de clase. Para ello se precisa, además de la existencia del proletariado, que ha de llevar a cabo esta revolución, de la existencia de la burguesía, en cuyas manos las fuerzas productivas alcanzan ese desarrollo que hace posible la liquidación definitiva de las diferencias de clase. Entre los selvajes y los semiselvajes tampoco suele haber diferencias de clase, y por ese estado han pasado todos los pueblos. Pero ni tan siquiera puede ocurrírseles restablecerlo, aunque no sea más que porque de este mismo estado surgen necesariamente, las diferencias de clase. Sólo al llegar a cierto grado de desarrollo de las fuerzas productivas de la sociedad, muy alto hasta nuestras condiciones presentes, se hace posible elevar la producción hasta un nivel en que la liquidación de las diferencias de clase represente un verdadero progreso, tenga consistencia y no traiga consigo el estancamiento o, incluso, la decadencia en el modo de producción de la sociedad. Pero sólo en manos de la burguesía han alcanzado las fuerzas productivas ese grado de desarrollo. Por consiguiente, la burguesía, es, también en este aspecto, una condición previa, y tan necesaria como el proletariado mismo, de la revolución socialista. ...

Está claro que la propiedad comunal en Rusia se halla ya muy lejos de la época de su prosperidad y, por cuanto vemos, marcha hacia la decomposición. Sin embargo, no se puede negar la posibilidad de elevar esta forma social a otra superior, si se conserva hasta que las condiciones maduren para ello y si es capaz de desarrollarse de modo que los campesinos no laboren la tierra por separado, sino colectivamente. Entonces, este paso a una forma superior se realizaría sin que los campesinos rusos pasasen por la fase intermedia de la propiedad burguesa sobre sus parcelas. Pero ello únicamente podría ocurrir si en la Europa occidental estallase, antes de que esta propiedad comunal se decompusiera por entero, una revolución proletaria victoriosa que ofreciese al campesino ruso las condiciones necesarias para este paso y, concretamente, los medios materiales que necesitaría para realizar en todo su sistema de agricultura la revolución necesariamente a ello vinculada.” (El porvenir..., 1980:71-80).

No mesmo artigo, Engels manifesta claramente a sua certeza de que uma revolução social de grandes proporções ocorrerá na Rússia e de que quem ditará os rumos dessa revolução serão os camponeses.

Es indudable que Rusia se encuentra en vísperas de una revolución. Sus asuntos financieros se hallan en el más completo desbarajuste. La prensa de los impuestos ya no ayuda, los intereses de las viejas deudas públicas se pagan recurriendo a nuevos empréstitos ...

Además, las capas más ilustradas de la nación, concentradas en la capital, van adquiriendo conciencia de que esta situación es insuportable y de que la revolución se acerca, pero al mismo tiempo acarician la ilusión de orientarla hacia un tranquilo cauce constitucional. Aquí se dan todas las condiciones para una revolución; esta revolución la iniciarán las clases superiores de la capital, incluso, quizá, el propio gobierno, pero, los campesinos la desarrollarán, sacándola rápidamente del marco de su primera fase, de la fase constitucional; esta revolución tendrá gran importancia para toda Europa aunque sólo sea porque destruirá de un solo golpe la última y aún intacta reserva de la reacción europea.” (El porvenir..., 1980:82-83).

Em uma carta a Nikolai Frantsevich Danielson¹, de 24 de fevereiro de 1893, Engels já não parece acreditar na possibilidade da Rússia evitar a fase capitalista através do desenvolvimento da sua comuna rural, pois não julgava que uma revolução operária na Europa Ocidental ocorresse a tempo para isso.

No hay duda de que la comuna, y en cierta medida el artel [contrato coletivo de origem tártara], contenían gérmenes que en ciertas condiciones podrían haberse desarrollado ahorrando a Rusia la necesidad de pasar por los tormentos del régimen capitalista. Suscribo sin reservas la carta de nuestro autor [Marx] sobre Zhukovski. Pero para él tanto como para mí, la primera condición que se necesitaba para realizar esto era el impulso desde el exterior, el cambio del sistema económico en Europa occidental, la destrucción del sistema capitalista en sus países de origen. [...] Si en Occidente hubiésemos sido más rápidos en nuestro desarrollo económico, si hubiésemos podido derrocar el régimen capitalista diez o veinte años atrás, Rusia hubiera tenido tiempo de interrumpir la tendencia de su propia evolución hacia el capitalismo. Desgraciadamente somos demasiado lentos, y apenas estamos desarrollando, en los diversos países que nos rodean, aquellas consecuencias económicas del sistema capitalista que deben llevarlo al punto crítico: mientras Inglaterra está perdiendo rápidamente su monopolio industrial, Francia y Alemania se acercan al grado de desarrollo industrial inglés, y Norteamérica promete desalojar a todos del mercado mundial, tanto en los productos industriales como en los agrícolas. [...] Por lo demás, acepto que la circunstancia de que Rusia sea el

¹ Danielson (1844-1918) (de pseudônimo Nikolai-on, ou N.-on) foi ensaísta e economista russo, um dos ideólogos do populismo liberal nas décadas de 80 e 90, e, entre 1860 e 1870, esteve vinculado aos grupos da juventude intelectual revolucionária. Completou a primeira tradução russa d'O capital, iniciada por H. A. Lopatin, e durante muitos anos manteve contato por correspondência com Marx e Engels, discutindo temas, na sua maioria, afetos aos problemas do desenvolvimento econômico da Rússia. Em 1893, publicou seu livro *Ocherniki nashego poreformennogo obschestvennogo joziaistva (Ensaio sobre nossa economia social depois da reforma)*, o qual, juntamente com os escritos de V. Vorontsov, serviram de base teórica para o populismo liberal.

último país conquistado por la gran industria capitalista, y al mismo tiempo el que posea la población campesina más numerosa, es tal que la revolución provocada por la transformación económica sea más aguda de lo que ha sido en cualquier otra parte. (El porvenir..., 1980: 99-100).

Já na carta de 17 de outubro de 1893, ao discutir as previsões sombrias de Danielson sobre o desenvolvimento do capitalismo na Rússia, Engels já não acredita mais na possibilidade de sobrevivência da comuna rural, ao observar que :

es evidente que el tránsito del comunismo primitivo y agrario al industrialismo capitalista no puede efectuarse sin una terrible dislocación de la sociedad, sin que desaparezcan clases enteras y se transformen en otras clases; y ya hemos visto en la Europa Occidental, aunque en menores proporciones, los enormes sufrimientos y el despilfarro de vidas humanas y de fuerzas productivas que ello implica necesariamente. Pero de eso a la ruina completa de una gran nación dotada de tan altas cualidades media un abismo. El rápido crecimiento de la población a que están ustedes acostumbrados puede interrumpirse; la tala insensata de los bosques, acompañada de la expropiación de los antiguos pomyeshchiki [grandes propietarios de terras], así como de los campesinos puede ocasionar un despilfarro gigantesco de fuerzas productivas; a pesar de ello, una población de más de cien millones de almas habrá de constituir, al fin y al cabo, um mercado interior muy considerable para una gran industria muy respetable. Y en su país, lo mismo que en otras partes, todo terminará por volverse a su cauce... si el capitalismo dura lo bastante en la Europa Occidental. ...

Usted mismo admite que 'las condiciones sociales en Rusia después de la guerra de Crimea no eran favorables para el desarrollo de la forma de producción que habíamos de nuestra historia pasada'. Yo diría aún más: que en Rusia, lo mismo que en cualquier otra parte, no se hubiese podido desarrollar a partir del comunismo agrario primitivo una forma social superior, a menos que esa forma superior existiese ya en otro país y pudiese servir de modelo. Y como esa forma superior - siempre que sea historicamente posible - es una consecuencia necesaria del modo capitalista de producción y del antagonismo dualista social creado por ella, no puede desarrollarse directamente a partir de la comunidad agraria más que como imitación de un modelo existente en alguna parte. Si la Europa Occidental estuviera madura para esa transformación en la década del 60, si Inglaterra, Francia, etc., hubiesen iniciado entonces esa transformación, entonces los rusos serían los llamados a demostrar lo que se podría haber hecho a partir de su comunidad, que en aquella época estaba más o menos intacta. Pero el Occidente permaneció estancado y ni siquiera tentó llevar a cabo esa transformación; y mientras tanto, el capitalismo se desarrollaba con creciente rapidez. Así pues, a Rusia

no le quedaban más que dos caminos: o desarrollar la comunidad agrícola para convertirla en una forma de producción de la que estaba separada por varias etapas históricas y para cuyo establecimiento ni siquiera en el Occidente habían madurado entonces las condiciones - una tarea evidentemente imposible -, e elegir el camino del desarrollo capitalista. ¿Qué otra cosa podía hacer más que seguir este último camino?

Por lo que respecta a la comunidad agrícola, ésta sólo es posible mientras las diferencias de bienes entre sus miembros sean insignificantes. En cuanto esas diferencias se acentúan, en cuanto algunos de sus miembros se convierten en deudores esclavos de los miembros más ricos, su existencia ulterior es imposible. Los Kulaki y los Miroyedi de la Atenas presolónica destruyeron la gens ateniense con la misma implacabilidad con que los de su país están destruyendo la comunidad agrícola. Mucho me temo que esta institución esté condenada a desaparecer. Mas, por otra parte, el capitalismo ofrece nuevas perspectivas y nuevas esperanzas. Véase lo que ha hecho y lo que está haciendo en Occidente. Una gran nación como la suya sobrevive a cualquier crisis. Ninguna gran calamidad histórica deja de tener por compensación un progreso histórico. Lo único que varía es el modus operandi. Que les destinées s'accomplissent! [que cumpra-se o destino!].

Engels parece não acreditar na possibilidade de sobrevivência do *mir*, apontando para o seu desaparecimento decorrente do desenvolvimento capitalista na Rússia, ou, no máximo, para sua evolução para uma “forma econômica superior”, desde que seguindo o exemplo que deveria ser dado pela Europa Ocidental. Se essa não é exatamente a conclusão de Marx, apesar da grande proximidade intelectual dos dois pensadores, foi a que orientou os primeiros marxistas russos, como podemos observar já no prefácio à tradução russa da obra de Engels *Do socialismo utópico ao socialismo científico*, escrito por Vera Zassulitch em 1884, no qual ela comenta que:

este proceso, que muestra la decomposición de la comunidad campesina, es observado cada año que pasa con mayor claridad por los investigadores de la vida campesina, y el kulak, que figura inevitablemente en todas las exposiciones de la vida campesina, hace de síntoma más seguro y de factor más fuerte e indestructible. Socava todas las bases del ente social, cambia en favor suyo todo derecho y orden conquistado en la práctica de cientos de años del mir, que garantizan la recta conducta de los asuntos del mir, y saca ventajas de los mecanismos creados precisamente contra él, como los bancos agrarios, y aún las sacaría del engrosamiento de las partes de los campesinos, si en algún lugar lo hubiera. No hay otro modo de aniquilarlo que atacando en la raíz la posibilidad de que aparezca la propiedad desigual, y por consiguiente son inevitables la gradual extinción de la propiedad comunal, la acumulación del capital

y la expansión de la gran industria. El porvenir cercano de Rusia pertenece al capitalismo, pero sólo el inmediato; difícilmente podría sobrevivir a la disolución final de las comunidades campesinas. Todo desarrollo económico de Rusia está demasiado íntimamente ligado al desarrollo de Europa occidental y en él están ya contados los días del capitalismo. La revolución socialista en occidente pone fin también al capitalismo en el oriente, y entonces los restos de las instituciones de la propiedad comunal prestarán un gran servicio a Rusia. (El porvenir..., 1980: 25-26).

É realmente difícil extrair a opinião de Marx sobre o futuro da comunidade camponesa russa, dado o caráter fragmentário das exposições que fez sobre esse assunto e dado o fato de não ter terminado seus estudos sobre a economia agrária da Europa Oriental. Mas, ao nosso ver, parece que esteve inclinado a julgar ser possível à Rússia evitar a fase capitalista, ao menos em um primeiro momento, como demonstra esta passagem de sua carta à redação do *Otchestviennie Zapiski* (*Anais da Pátria*)², escrita em fins de 1877:

Para poder enjuiciar con conocimiento propio las bases del desarrollo de Rusia, he aprendido el ruso y estudiado durante muchos años memorias oficiales y otras publicaciones referente a esta materia. Y he llegado al resultado siguiente: si Rusia sigue marchando por el camino que viene recorriendo desde 1861, desperdiciará la más hermosa ocasión que la historia ha ofrecido jamás a un pueblo para esquivar todas las fatales vicisitudes del régimen capitalista. (El porvenir..., 1980:63).

É complicado, contudo, para não dizer impossível, extrair do fluxo natural do pensamento de Marx, alguma possibilidade da comuna rural de forma asiática (ou eslava) passar diretamente para a forma comunista e as “condições necessárias para o desenvolvimento espontâneo da comuna rural”, genericamente mencionados na carta a Vera Zassulitch. Provavelmente referem-se a uma revolução russa que abolisse o czarismo, aniquilando a grande fortaleza da reação européia e facilitando o triunfo da revolução proletária no Ocidente, que, por sua vez, forneceria os meios necessários à reestruturação do *mir* em uma forma econômica “superior”. Essa, talvez, seja a forma como a revolução russa e a revolução proletária no Ocidente se “completariam”. Mas parece que a Rússia continuou “marchando pelo mesmo caminho que iniciara após a guerra da Criméia e a reforma czarista

de 1861”, o que facilitou a introdução do capitalismo na sociedade russa e o crescimento da burguesia das grandes cidades russas. Como resultado desse processo Marx e Engels parecem apontar para a desagregação do *mir*, decorrente do impacto do capitalismo sobre a comuna de forma asiática (já tratado por Marx nos seus dois artigos sobre a Índia: *O domínio britânico na Índia* e *Futuros resultados do domínio britânico na Índia* - cf. Marx/Engels - obras escolhidas: 286-297, vol. I). Assim, com o desenvolvimento do capitalismo, só restaria à Rússia integrar-se ao mundo capitalista e ver desaparecer o *mir*, o que, como o próprio Engels afirma, não se daria sem grandes transtornos. Essa enorme expropriação da classe camponesa russa (uma autêntica revolução social) não seria aceita tranquilamente pelos camponeses, que provavelmente iniciariam um processo revolucionário para defender suas comunas rurais e, se essa revolução fosse acompanhada de uma revolução proletária no Ocidente, os escombros do *mir* talvez pudessem ajudar na construção de uma sociedade comunista na Rússia. De qualquer forma, é clara a diferença da análise feita sobre o campesinato russo da realizada sobre o campesinato francês e alemão, visto que na primeira se reconhece uma forma de cultivo da terra diverso do praticado no Ocidente - o cultivo coletivo - e a capacidade dos camponeses de fazer valer os seus interesses como classe, através de uma revolução contra a introdução de um sistema que ameaça a sobrevivência de sua comuna rural.

As contribuições historiográficas fornecidas por esse percurso, pelo pensamento de Marx são de grande importância para a compreensão de pontos cruciais do marxismo como teoria da história ou seja, para a compreensão do que Marx entendia por progresso histórico. O estudo da questão agrária na obra marxiana revela, num primeiro momento, a diferença entre Europa Ocidental e Europa Oriental, mostrando claramente quão avesso é o pensamento de Marx a generalizações absolutas, que sejam válidas sempre. Essa diferença demonstra que Marx concebe o progresso como conteúdo da história, na sua forma mais geral, isto é, concebe o progresso histórico como gradual emancipação do homem frente à natureza e como gradual distanciamento de sua situação originária de “animal de rebanho”, sem que isso signifique que toda a história é progresso (podendo haver períodos de retrocesso ou regressão histórica) ou que esse progresso se dê de forma unilinear e contínua, com etapas fixas que devem ser seguidas por todos os povos. Essa é a concepção de progresso histórico expresso nas *Formações econômicas*

² *Otchestviennie Zapiski* trata-se de uma revista político-literária que foi publicada inicialmente em São Petersburgo, desde 1820. A partir de 1839, era uma das melhores publicações progressistas da época, mas a contínua perseguição da censura do governo czarista acabou por fechá-la em 1884.

pré-capitalistas e pode ser percebida quando Marx aponta a possibilidade de construção do socialismo na Rússia sem o “estágio intermediário” do capitalismo, já que nada obrigaria, em princípio, a Rússia a passar por esse “estágio”, que é “intermediário” apenas para a Europa Ocidental. Assim, podemos ver todo o vigor do pensamento marxiano, que, recusando qualquer interpretação mecanicista da história, certamente pode se colocar, nos dias atuais, como uma forma perfeitamente válida de compreensão das sociedades humanas.

Referências

- El porvenir de la comuna rural rusa.* Trad. de Félix Blanco. Prep., rev. e notas José Aricó. México: Siglo XXI editores, 1980. (Cuadernos de Pasado y Presente).
- ENGELS, F. O problema camponês na França e na Alemanha. In: *A questão agrária.* Org. de José Graziano da Silva e Verena Stolcke. Trad. de Edgard Afonso Malagodi, Sandra Brizolla e José Bonifácio de S. Amaral Filho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- ENGELS, F. *Carta a N. F. Danielson, de 17 de outubro de 1893.* Disponível em: <<http://www.geocities.com/Athens/Acropolis/3450/cartas/oe3/mrxoe332.htm>> Acesso em: 10 de abril de 2001.
- HEGEDÜS, A. A questão agrária. In: *História do marxismo IV: O marxismo na época da Segunda Internacional.* Org. Eric Hobsbawm. Trad. de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. (Coleção Pensamento Crítico; v. 56).
- MARX, K.H.; ENGELS, F. *A ideologia alemã e teses sobre Feuerbach* - superv. de Silvio Donizete Chagas - rev. de Maria Clara de Faria, Joaquim José de Faria e Oswaldo de Faria - São Paulo: Editora Moraes.
- MARX, K.H.; ENGELS, F. *Obras escolhidas.* São Paulo: Editora Alfa-Ômega, s/d. (vol. I).

MARX, K. H. *Formações econômicas pré-capitalistas.* Introdução de Eric Hobsbawm. Trad. de João Maia. Rev. de Alexandre Addor. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. (Coleção Pensamento Crítico, vol. III).

MARX, K. H. *O 18 brumário e cartas a Kugelmann.* Trad. de Leandro Konder e Renato Guimarães. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MARX, K. H. *Prefácio para a Crítica da Economia Política.* Trad. de Edgard Malagodi. col. de José Arthur Giannotti. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

NIKOLAIEVSK, B. Marx y el problema ruso. In: *El porvenir de la comuna rural rusa.* Trad. de Félix Blanco. Prep., rev. e notas de José Aricó. México: Siglo XXI editores, 1980. (Cuadernos de Pasado y Presente).

RIAZANOV, D. B. Vera Zasúlich y Karl Marx. In: *El porvenir de la comuna rural rusa.* Trad. de Félix Blanco. Prep., rev. e notas de José Aricó. México: Siglo XXI editores, 1980. (Cuadernos de Pasado y Presente).

Bibliografia de apoio

- MARX, K.H.; ENGELS, F. *O manifesto comunista* - trad. de Maria Lucia Como - 4. ed. rev. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. (Coleção Leitura).
- MARX, K. H. *A burguesia e a contra-revolução.* Prefácio de J. Chasin. Trad. de J. Chasin, M. Dolores Prades, Márcia Valéria Martinez de Aguiar. 3. ed. São Paulo: Editora Ensaio, 1993. (Cadernos Ensaio, Pequeno Formato, vol. I).
- MARX, K. H. *Carta a Friedrich Engels, de 16 de abril de 1856.* Disponível em: <<http://www.geocities.com/Athens/Acropolis/3450/cartas/oe1/mrxoe119.htm>> Acesso em: 10 de abril de 2001.
- MARX, K. H. *O capital.* Trad. de Reginaldo Sant'Anna. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. (Livro I, vol. I).

Received on September 13, 2001.

Accepted on December 21, 2001.